



Miriam Mosquera

TODOS os ANJOS DO INFERNO

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Conteúdo sexual

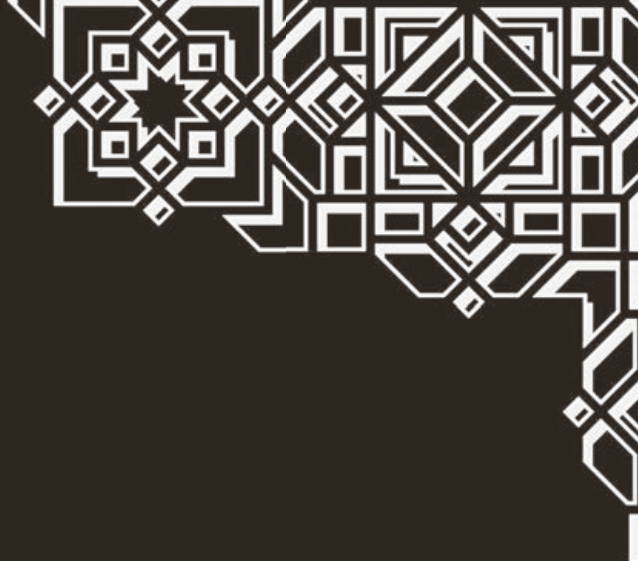
Luto e perda

Morte

Sangue e cenas gráficas

Tortura

Violência



*Para a minha mãe, o meu anjo.
Obrigada por fazeres com que o jasmim nunca cheire a tristeza,
mas sim a amor.*



PREFÁCIO

Granada, dez anos após a Queda do Céu

Durante séculos, a Alhambra reinou sobre Granada, até que chegaram os demónios e todo o seu esplendor se extinguiu. Os seus belos relevos em estuque estavam agora cobertos de teias persistentes, e as suas torres choravam de saudades de uma glória que pertencia agora apenas ao passado.

O seu silêncio, eterno e perturbante, estava carregado de demasiada dor, insuportável para qualquer mortal. Por isso, e porque seria uma loucura demasiado grande avançar por entre aquelas muralhas, rezavam as lendas que seria o melhor lugar para esconder um tesouro capaz de fazer milagres; e tanto Félix como David sabiam que encontrá-lo poderia salvar a vida da sua amiga Frasquita. Por isso, decidiram tentar.

Os candeeiros a petróleo eram as únicas luzes a iluminar as ruas sujas da cidade, pois tanto a Lua como as estrelas já não ocupavam o seu lugar no céu.

Desde que os anjos tinham perdido a guerra, que não restava um único canto no mundo dos filhos de Adão onde não houvesse fome e miséria, nem um único canto onde brilhasse a luz. A taífa de

Granada, onde o rei Lúcifer tinha instalado a sua Corte do Inferno, não era exceção.

— Cuidado — sussurrou Félix, obrigando o irmão gémeo a esconder-se nas sombras de um beco.

Um vulto curvado avançava na noite, enquanto gemia em voz baixa. Os dois rapazes ficaram imóveis, como estátuas. Não podiam atrair atenções. Não podiam correr o risco de serem descobertos pelos demónios.

— Os senhores do Inferno são conhecidos de todos... — cantava o vulto, que tinha voz de mulher, num tom quase inaudível. — Não repitam os seus nomes se querem manter-se vivos...

Um trovão ressoou no céu que, subitamente, descarregou toda a sua fúria sob a forma de chuva. David ficou a observar a lenta caminhada da anciã enquanto a tempestade lhe encharcava a roupa.

— É apenas uma louca — murmurou.

Apesar de a mulher parecer uma idosa inofensiva, Félix não confiava na escuridão.

— Não sabemos se é *apenas* uma louca — respondeu baixinho ao seu gémeo. Semicerrou os olhos, desconfiado, e virou-se para o encarar. — Isto não é um jogo, sabes? Tens de estar muito atento para conseguires distinguir o que é real e o que não é. Eu bem te disse para ficares em casa.

David cerrou os lábios, formando uma linha fina, e respondeu:

— Eu também tenho 10 anos e sou tão corajoso como tu. Não ia ficar em casa sabendo que há uma maneira de ajudar a Frasquita.

Embora Dancaire tivesse tido o cuidado de nunca o mencionar em frente deles, Félix e David tinham-no ouvido em conversas de outros adultos: «Graças aos gémeos, podemos entrar na Alhambra. Só precisam de aprender a controlá-las.» Não sabiam porque pretendia o seu mentor entrar naquele local, mas

suspeitavam que tivesse alguma ligação ao que diziam as lendas. E agora estavam prestes a descobrir.

— Está bem — disse Félix, ao mesmo tempo admirado e assustado com a determinação que via nos olhos verdes do irmão.

— Mas não estejas tão confiante.

David adorava Frasquita, talvez até mais do que o irmão, e tinha a certeza de que nada o iria deter. Sempre que a via tossir, lutando com todas as suas forças por mais uma lufada de ar, sentia o coração destroçado. O delicado corpo da amiga não resistiria por muito mais tempo à doença, e só um milagre poderia trazer de novo vida aos seus olhos. Por isso, em desespero, ambos tinham fugido para procurar o tesouro de que falavam as fábulas. Por ela. Para a salvar.

— Vamos — sussurrou Félix, incitando o irmão a continuar assim que a anciã desapareceu e ambos tinham a certeza de que não havia mais ninguém na rua.

Apesar da tempestade, a cidade parecia adormecida, acontecida nos braços da noite. No entanto, os dois irmãos sabiam que dentro de cada uma daquelas casas devastadas pela guerra e pela pobreza havia alguém em sofrimento. Como a sua amiga Frasquita.

Caminharam em silêncio, como dois gatos selvagens, e quando se viram perante a Alhambra, os seus corações aceleraram. A Lua não brilhava no céu, mas à volta da fortaleza flutuavam dezenas de bolas de fogo que pareciam pequenos sóis e tingiam as paredes de vermelho. Como a dor. Como os olhos dos servos de Lúcifer. Como os gritos dos assassinados nas praças. Nas paredes das suas torres cresciam centenas de iúνας, as flores negras do Inferno, que quase pareciam lacerar a rocha, obrigando-a a sangrar sombras.

O palácio maldito era muito maior do que os dois irmãos imaginavam, mais silencioso e, mesmo lá longe, provocava-lhes um

arrepio na espinha. Se fossem descobertos ali, seriam mortos, mas já não pensavam voltar atrás. Ao contrário dos adultos, os excessos dos demónios ainda não lhes tinham roubado a fé e a esperança.

Félix olhou para David, e quando este lhe fez sinal com a cabeça percebeu que tinha chegado o momento. Fechou os olhos por um instante e tentou acalmar-se. Sabia que, nervoso, não o conseguiria. Dancaire não se cansava de lhes dizer que ainda não eram suficientemente fortes, que ainda não conseguiam controlar o seu poder, mas isso não os ia impedir de tentar.

O rapaz respirou fundo e deixou a sua graça percorrer-lhe as entranhas. As complexas tatuagens douradas começaram a acariciar-lhe a pele, e de imediato sentiu o poder dos anjos a aquecer-lhe o sangue. Surgiram depois os desenhos nos braços, no peito, nas pernas e, por cada um que emergia, Félix sentia-se mais forte.

«As crianças nasceram no preciso momento em que os anjos desapareceram para sempre», tinham ouvido Dancaire dizer. «São o seu último milagre.»

Quando Félix voltou a abrir os olhos, David tinha desaparecido. Não era a primeira vez que o via fazer aquilo, embora o surpreendesse sempre ver como o corpo do irmão, até então uma réplica palpável do seu, se volatilizava. Assim tinham feito a viagem da taifa de Córdoba até à de Granada numa só noite: transportando-se e tornando-se invisíveis sempre que necessário, recorrendo às suas graças. Assim tinham planeado entrar sorrateiramente na Alhambra.

— Dá-me a mão — disse Félix para o vazio. Estendeu o braço e, embora parecesse não estar ninguém ao seu lado, os dedos quentes do irmão entrelaçaram-se nos seus, partilhando assim o seu poder. Quando o seu corpo se tornou translúcido como o do seu gémeo, não sentiu nada. — Estás preparado?

— Sempre — respondeu David.

Félix voltou a fechar os olhos, acionou toda a sua energia interior e transportou o seu corpo e o do irmão para o interior da Alhambra. Estava nervoso porque, apesar de invisíveis, não tinha a certeza de o conseguir. No entanto, em breve os seus pés voltaram a tocar no chão. A vertigem desapareceu e ambos respiraram de alívio.

— Ouves alguma coisa? — perguntou baixinho ao gémeo. Não se atreveu a largar-lhe a mão porque, se o fizesse, voltaria a ficar corpóreo. — Parece que... não está ninguém.

— Ninguém — respondeu David. Estava tão nervoso que, sem querer, perdeu o controlo do seu poder e ambos voltaram a ficar visíveis. — Não ouço nada.

Félix largou a mão do irmão e desembainhou a faca que tinha escondida no cinto. Em seguida, começou a percorrer as luxuosas salas do palácio. David seguiu-o.

O interior do palácio maldito estava deserto, vazio, abandonado. Só a chuva quebrava o silêncio imaculado, pois nem a chama dos sóis de fogo que flutuavam pelos corredores produzia qualquer ruído. Os relevos em estuque que decoravam as paredes, cujas formas sinuosas lhes lembravam as suas tatuagens douradas, pareciam sussurrar à sua passagem, implorando-lhes para terem cuidado. «Não deviam estar aqui», diziam em silêncio.

Mais do que ar, naquele momento respiravam um frio que se infiltrava nos pulmões e lhes penetrava os ossos, fazendo-os tremer. Ambos conseguiam sentir os fantasmas do passado a roçar-lhes a pele, a chorar, a instigá-los a fugir. Por um instante, Félix quase lhes deu ouvidos. E se a quietude inumana daquele lugar não passasse de uma armadilha? Onde estava o famoso tesouro? E se todas as lendas mais não fossem do que apenas isso e tivessem feito aquela viagem em vão?

— Vamos por aqui — segredou Félix ao gémeo, agarrando com mais força a faca.

David fez sinal com a cabeça, mas ao fim de alguns passos deteve-se. De súbito, a escuridão parecia falar com ele. Uma palavra. Um distante murmúrio de além-túmulo. Uma voz feita de dor que lhe provocou um arrepio na espinha.

«Daaaviiid...»

Félix atravessou as sombras, deixou para trás uma sala em cujos tetos de madeira brilhavam centenas de estrelas douradas e entrou num enorme pátio retangular rodeado de colunas de mármore.

De repente, parou.

A primeira coisa que viu foi o cadáver de um homem acorrentado a uma das colunas. A chuva batia com força na sua pele pálida, lívida como a morte. O estômago de Félix contraiu-se de medo e repugnância. Apesar de não ser o primeiro morto que via, o corpo daquele homem estava em avançado estado de decomposição, com as órbitas dos olhos vazias, a pele ressequida e os ossos do rosto muito salientes. O rapaz engoliu em seco, tentando lutar contra a vontade de vomitar, mas quando levantou os olhos para seguir caminho tudo se agravou.

Naquele espaço aberto, havia inúmeras colunas e em cada uma delas estava um cadáver acorrentado; homens, mulheres e crianças cujos corpos putrefactos, apesar da chuva fresca, tornavam o ar irrespirável.

«Daaaviiid...»

Félix queria fugir, mas não podia; não agora que tinham chegado tão longe, não quando Frasquita estava a morrer. Tapou o nariz com uma mão e, com as pernas a tremer, avançou através da chuva até à fonte de mármore que se erguia no centro do pátio.

A enorme fonte, sustentada por doze jatos de água em forma de leão, tinha no interior um líquido espesso e escuro que só podia ser sangue. Jorrava da boca dos leões, transformado em fios de tenebrosidade, e o rapaz não podia deixar de se questionar se

pertenceria a todos aqueles corpos que tinham convertido aquele lugar num cemitério.

— Félix, vamos embora — murmurou David, aproximando-se do gêmeo. Pela primeira vez nessa noite, parecia muito mais pequeno do que na realidade era. — Por favor.

Félix, no entanto, não lhe respondeu. Ficara a olhar para o sangue da fonte, como que hipnotizado, pois percebera que a superfície do líquido vermelho permanecia lisa, como se as gotas da chuva não a conseguissem alcançar.

Levantou a cabeça para observar os pequenos sóis que flutuavam sobre as suas cabeças e, subitamente, percebeu porque a chuva não lhes apagava o fogo: porque o que estavam ali a ver não era real, mas sim uma ilusão provocada por Tzadi. O Arlequim.

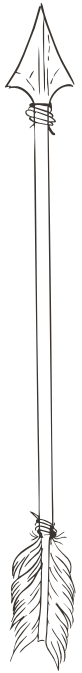
«Tzadi é como um feiticeiro, e a sua magia torna reais os nossos medos mais profundos.»

Félix deu meia-volta no preciso momento em que as sombras da noite ganhavam forma. Transformaram-se em seis demónios encapuzados que num instante os cercaram; dois à frente, dois ao lado e dois atrás.

David gritou e Félix correu para lhe agarrar na mão. Naquele momento, esqueceu-se de todos os avisos que tanto Dancaire como os seus pais lhe tinham feito e, em desespero, invocou o seu poder. Contudo, ficou tão nervoso que só foi capaz de se transportar dois centímetros para a esquerda. Nem mesmo o brilho dourado das tatuagens se manteve na sua pele.

— Que surpresa — disse um dos demónios atrás dele, com uma voz grave e profunda como um precipício, ao perceber o que ele tinha tentado fazer.

O que estava à sua direita estalou os dedos e tanto a chuva como os cadáveres, que até então se encontravam no pátio,



desapareceram. O lugar ficou vazio, seco. Só o sangue que escorria da fonte quebrava o silêncio.

— Que fazem aqui? — perguntou um dos demónios à frente deles. A sua voz era como fogo: ríspida e hipnótica, letal e perigosa.

Félix cerrou os dentes e levantou a cabeça para olhar o demónio nos olhos, mas rapidamente se arrependeu. O capuz cobria-lhe metade do rosto, mas deixava ver o olho esquerdo, vermelho e brilhante, como se as chamas do Inferno ardessem dentro dele. O direito parecia oculto por uma pala. A coragem, que até àquele momento Félix julgava ter, desapareceu de repente, pois sabia perfeitamente quem tinha à sua frente: era Yud, o Escamillo.

«Yud não tem poder, dizem que Lúcifer lho tirou.»

O coração de Félix começou a bater com força. Desesperado, tentou transportar-se novamente, mas mais uma vez só conseguiu deslocar-se uns passos.

— Deixa o meu irmão ir-se embora — implorou o rapaz. — Por favor. A ideia de vir foi minha. Ele não possui nenhuma graça!

O Escamillo piscou o olho descoberto e, após alguns segundos de silêncio, olhou para os restantes demónios. Félix e David não se atreveram a fazer o mesmo. Estavam rodeados pelos seis senhores do Inferno; e o mais perigoso de todos estava à frente deles.

E estavam a mentir-lhe.

— Que dizes, Yud? — perguntou um dos demónios mais atrás. — Deixamos o inútil ir-se embora?

O Escamillo retirou o capuz e a luz dos sóis flutuantes iluminou-lhe finalmente todo o rosto. Embora os seus traços fossem humanos, bonitos, como que esculpidos em mármore, Félix

e David estremeceram quando viram as tatuagens negras que lhe deslizavam pela pele pálida do pescoço, trepando como videiras selvagens até ao queixo.

— Que fazem aqui? — repetiu Yud, desta vez intercalando cada palavra com um silêncio. — Se a resposta for satisfatória, podemos mostrar misericórdia.

— Nós não queríamos incomodar — disse David, a chorar. — Estávamos só a brincar.

— Não íamos mexer em nada — acrescentou Félix.

Yud inclinou a cabeça, observando-os atentamente. Deu um passo em direção a Félix. Nesse preciso momento, para David, o mundo parou de girar. O medo que lhe invadiu o corpo quando viu o irmão em perigo paralisou-o. De repente, sentiu-se muito pequeno diante de seis gigantescos Golias, como um inseto que inesperadamente depara com o bico de um pássaro faminto.

— Só os ouço dizer disparates — afirmou o demónio, com a sua voz de fogo. — Já vos perguntei *o que fazem aqui* e começo a perder a paciência.

— O tesouro — murmurou David, aterrorizado, incapaz de o olhar nos olhos. — Estávamos à procura do tesouro.

— O tesouro — repetiu o Escamillo. Olhou para o demónio encapuzado à sua esquerda e fez-lhe um gesto com a cabeça. — Shin, que achas?

«Shin é o rei das tempestades. Quem lhe mente, é bom que se acautele.»

— Ele diz a verdade — respondeu, sem se mexer, com uma voz grave e gutural. — Mas não *toda* a verdade.

Assustado, David decidiu apelar à compaixão do monstro. Não queria que os levassem para a Praça. Não queria que os matassem.

— Só queríamos salvar a nossa amiga Frasquita! — exclamou. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e as mãos começaram a tremer. — Ela está muito doente!

Yud semicerrou os olhos e analisou escrupulosamente os miúdos. As tatuagens acariciavam-lhe a pele do pescoço como tentáculos feitos de negrume; um negro intenso sobre o branco mais puro.

— Então vieram até aqui por amor — concluiu o demónio, quase a acusá-los de estarem a cometer um crime.

David assentiu efusivamente, acreditando que a nobreza de sentimentos os salvaria; mas Félix, muito mais desconfiado, logo percebeu que o Escamillo estava a lançar-lhes uma armadilha. E nada podiam fazer para escapar.

— Amor? — perguntou Tzadi, à sua esquerda, enquanto tirava o capuz e dava um passo em frente. Tinha a beleza delicada dos anjos caídos, uma argola de prata a decorar a narina direita e tatuagens em forma de máscaras à volta dos olhos. — O amor é uma aberração própria dos anjos.

Cuspiu para o chão após proferir a palavra *anjos* e Félix sentiu um arrepio pela espinha acima. Tinham-no visto usar a sua graça e, tal como tantas vezes tinha sido avisado, iam agora matá-lo.

Os demónios nunca perdoavam os anjos. Os demónios *não toleravam* a existência de anjos.

— Por favor — implorou Félix. — Não nos levem para a Praça. Por favor.

— Não voltaremos a entrar aqui — acrescentou o irmão. — Juro!

Yud ficou em silêncio e, por um instante, um fugaz e esperançoso instante, os irmãos pensaram que os matadores os deixariam fugir. Algo no gesto do Escamillo, um brilho no seu olho visível, fê-los acreditar que aquelas criaturas do Inferno também tinham sentimentos, que sabiam o que era a misericórdia.

Mas estavam enganados.

— Por favor — gritou David novamente. — Não nos levem para a Pra...

— Não vos vamos levar para a Praça — interrompeu-o Yud —, mas temos de vos amputar esse *amor* que guardam aí dentro para que não arranjem mais problemas.

— Não! — gritou Félix.

Yud empurrou David com desprezo e, assim que Shin o segurou pelos ombros, arrancou-lhe o coração do peito. Os gritos desesperados de Félix ecoaram pelos escuros cantos da Alhambra, cujas paredes ancestrais pareciam gritar com ele.

— Isto é o que acontece aos que traem as leis de Lúcifer — explicou o Escamillo, furioso, lançando o coração ao chão.

David paralisou, arregalou os olhos e, segundos depois, caiu aos pés do matador. Após garantir que David estava morto, Yud virou-se para Félix, ainda agarrado pelos fortes braços de Shin.

— Desde quando têm essas graças? — perguntou Yud.

Félix, com o rosto encharcado em lágrimas, tremia. Estava tão pálido que o seu rosto parecia o de um fantasma.

— Desde sempre. Na... Nascemos assim.

A resposta pareceu não agradar a Escamillo que, desconfiado, se virou para Shin.

— Ele diz a verdade — confirmou este.

Yud assentiu e olhou para o rapaz.

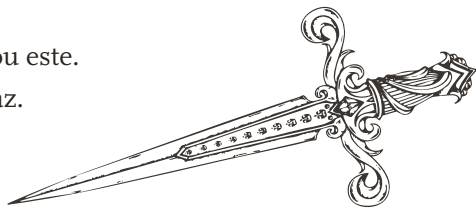
— De onde vieste?

— Por favor...

— De onde?

Félix sabia que, se mentisse, os matadores saberiam. No entanto, não podia dizer-lhes a verdade. Não podia levá-los até Dancaire e Frasquita.

— De uma das taifas do mar — disse, sem pensar. — A de Huelva.



— Ele mente — exclamou Shin de imediato, como se sentisse o odor da mentira de Félix. — Vieram da de Córdoba.

O rapaz engoliu em seco e, quando Yud o fulminou com o olhar, sentiu fugir o chão debaixo dos pés.

— Quem vos disse que havia aqui um *tesouro*? — quis saber o demónio.

— Ninguém.

— Está outra vez a mentir — replicou Shin, com a sua voz gutural.

— É uma lenda! — exclamou Félix, em desespero. — Uma fábula! Por favor...

— Ah, uma fábula! — interrompeu o Arlequim. — Adoro essas estúpidas histórias inventadas pelos filhos de Adão.

— Cala-te, Tzadi — rosnou Yud. — Que tipo de fábula?

Assustado, Félix conteve a respiração. Os membros da Corte do Inferno viviam no palácio de Dar al-Horra, em Granada, e só de lá saíam em raras ocasiões. Não sabiam o que se passava nas ruas, o que as pessoas diziam deles. Nem sequer se dignavam a dirigir a palavra aos caciques, aos chefes das taifas. Para os demónios, os filhos de Adão eram seres inferiores, meros servos, e em dez anos não se tinham dado ao trabalho de se aproximarem deles, nem sequer para lhes fazer mal.

Félix sabia que, quanto mais lhes contasse, mais tempo de vida teria. Por isso, começou a falar.

— Há anos que se... que se diz que existe aqui um tesouro tão valioso que compensa ser amaldiçoado para o resto da vida só para o encontrar — afirmou, ainda a tremer. — Corre o rumor de que a Alhambra é... é uma fortaleza que esconde uma riqueza nunca vista, e que os senhores do Inferno estão encarregados da sua guarda. Que só alguém com um poder semelhante ao seu conseguiria entrar e sair de lá vivo. O... o Tesouro dos Anjos, é o que lhe chamam.

Félix pensava que os matadores iam gozar com ele, mas as suas palavras caíram como uma bomba entre os demónios. Todos ficaram muito tensos e, por instantes, o único som audível era o do sangue cuspidos pelos leões da fonte. Félix pensou que as suas palavras tinham assustado os soldados do Inferno, mas apenas conseguira enfurecê-los mais.

Antes de ter nova oportunidade para falar, Yud cerrou os lábios e, com toda a sua raiva, arrancou o coração do rapaz, numa dor tão intensa quanto libertadora. Ao contrário do seu irmão, o corpo de Félix demorou alguns instantes a perceber que o peito estava vazio, que já não havia um motor a bombear o sangue. Quando Shin o largou, o seu coração ainda batia na mão do Escamillo, agarrando-se inutilmente à vida.

— Ele tinha as marcas dos anjos na pele — rosou Tzadi, com visível desagrado. — Tinha as marcas dos malditos anjos!

Yud apertou o coração de Félix e cerrou os dentes. Tinha visto as marcas, claro que as tinha visto. O Tesouro dos Anjos. As ordens de Lúcifer tinham sido muito claras e eles tinham de as cumprir. Yud, mais ainda do que os outros, tinha de o fazer.

— Estes rapazes foram abençoados com graças — explicou. — Conhecendo como conheço os anjos, de certeza que há mais. Muitos mais.

— Temos de os encontrar — disse um dos demónios que, até então, se mantivera calado. A sua voz parecia distante, como que vinda de todos os lados e de lado nenhum.

— Sim, Vav — respondeu Yud, baixando os olhos para o sangue que lhe molhava as mãos. — Temos de os encontrar e de acabar com eles.

— Achas que...?

Yud levantou a mão e, como se não quisesse que as paredes do palácio maldito os ouvissem, fez-lhe sinal para que se calasse. Sabia qual ia ser a pergunta e tinha a resposta preparada.

— Não podemos permitir que os mortais descubram o que há na Alhambra.

Os seis senhores do Inferno fizeram um silêncio tenso. Nenhum se atrevia a dizê-lo em voz alta, mas todos sabiam que, se os humanos descobrissem o que escondiam naquele palácio, o reinado de Lúcifer poderia acabar para sempre.

— Temos de ir atrás de todos esses filhos dos anjos — sentenciou Yud. — Iniciaremos a nossa procura no lugar de onde vieram estes dois: a taifa de Córdoba.

E, com essas palavras, selaram o destino do mundo.





EXPULSÃO 2:7-8

7. Lúcifer, no jardim celestial estavas, as tuas vestes de pedras preciosas eram:

safira, esmeralda e ouro; a excelência dos pandeiros e das flautas foram para ti preparados no dia da tua criação.

Perfeito eras em todos os teus caminhos desde o dia em que foste criado, e perfeito eras mesmo quando te acusaram de maldade.

8. O Traidor puniu os anjos que se rebelaram, lançando-os para o Inferno e confinando-os a prisões de trevas, mas nunca pronunciaram uma maldição, nem se desviaram do caminho certo.

*«A expulsão de Lúcifer»
segundo as Escrituras da Igreja dos Renegados.*

1

Sevilha, vinte anos após a Queda do Céu

Antes da Queda do Céu, quando a Terra não era governada pelos demónios, os locais de tortura chamavam-se praças de touros. Embora a chegada das hostes de Lúcifer tudo tenha mudado, continuavam a ser recintos majestosos, enormes anfiteatros de sangue e areia, o exemplo da perfeita conjugação entre beleza e morte.

Só naqueles locais, o que para alguns era uma festa era para outros um martírio. A forma como se vivia dependia da posição que se ocupava na sociedade; para os poderosos, as punições nas praças eram toda uma celebração; para aqueles que tinham de lutar diariamente contra a fome, os gritos da plateia sedenta de sangue eram aterradores. Estando eu na base da pirâmide, a única maneira de ter acesso à Praça era como condenada. Ou camuflada por entre as sombras.

Se a Lua ainda brilhasse no nosso mundo, de certeza que nessa noite estaria cheia, tingindo tudo de prata. No entanto, como tudo o que era belo e radiante, também a estrela da noite tinha desaparecido após o extermínio dos anjos. De dia, o céu

estava coberto por um véu, como se estivesse de luto, e o seu azul fora substituído por um cinzento baço, um contínuo presságio de tempestade. À noite, a mais aterradora escuridão engolia qualquer réstia de luz.

Por isso, a Praça de Sevilha estava iluminada por bolas de fogo. Não era um fogo normal, mas um que brilhava incandescente, como que vindo do próprio Inferno; redondo, belo, sedutor; tochas que flutuavam sobre as nossas cabeças como pequenos sóis, criando um belo espetáculo de luz e sombras que só poderia ser obra de um senhor do Inferno.

— Os matadores estão cá — sussurrei, ao ver as brilhantes bolas de fogo. — Perfeito.

Comecei a percorrer os telhados que cobriam as arquibancadas superiores da Praça, sustentados por uma sucessão de arcos que envolviam a parte mais alta das bancadas, sem me aproximar das zonas mais iluminadas. Se alguém olhasse para cima, conseguiria detetar um vulto a mover-se de forma furtiva, como um ladrão. No entanto, todos os ali presentes estavam ansiosos para ver o que se ia passar na arena, e não sobre as suas cabeças, por isso duvidava que alguém olhasse para cima. Os poderosos acreditavam ser tão intocáveis que, mesmo quando estávamos debaixo dos seus narizes, não nos conseguiam ver. Para eles, éramos invisíveis, e isso dava-nos poder.

Corri durante uns segundos, agachei-me e aguardei. Ao mesmo tempo, ouvia o burburinho da multidão. O meu coração batia acelerado, não de medo, mas sim de raiva. Sentia a fúria a latejar sob a pele, a queimar-me as entranhas. Estava vestida à rapaz e levava presas à cintura as duas kinjaras oferecidas pelo Dancaire. Tinham lâminas douradas e o punho parecia feito de cerâmica, com figuras coloridas que se entrelaçavam formando estrelas de oito pontas. Azul, amarelo, branco, verde e vermelho; aquelas armas destinadas a matar estavam decoradas com a

mesma elegância dos mais belos azulejos, com o mesmo requinte com que os reis do passado tinham decorado os seus palácios.

Embora fossem muito leves, perfeitas para serem lançadas, usá-las naquele momento teria sido uma loucura. No nosso mundo, a morte não significava apenas o fim da vida, uma vez que, visto o Céu já não existir, as nossas almas iam diretamente para o Inferno. Como ainda não estava preparada para lá passar a eternidade, limitei-me a observar.

Nas bancadas não cobertas pelos telhados estavam sentados os humanos que, após a Queda do Céu, tinham ocupado as melhores posições na sociedade. Os denunciantes, aqueles que tinham colaborado com os demónios. Rendas, sedas, cetins, veludos e joias, as suas ricas vestimentas revelavam apenas uma pequena parte da sua riqueza, um vislumbre dos luxos a que os menos afortunados, como nós, não tinham acesso. Entre eles estavam os caciques, donos e senhores das taifas, os seus soldados e as suas famílias. As mulheres usavam um grande travessão na cabeça e, por cima, um fino manto de renda preto que lhes chegava aos cotovelos e as tornava alvos muito fáceis de atacar.

Quase sem me aperceber, os meus olhos pousaram no perfil de um homem moreno, de meia-idade, vestido com um sobretudo preto, barba bem aparada e postura de nobre. Não foi preciso esperar que virasse a cabeça para o reconhecer: era Antonio de Oria y Velasco, duque de Punta Umbría e cacique de Sevilha.

— Que se passa contigo? — perguntou à sua jovem mulher, Julia, que estava sentada ao seu lado. Do lugar onde estava, não conseguia ouvi-lo, mas quem desde muito pequena se dedica ao roubo, rapidamente aprende a ler lábios. — Estás com medo?

Julia virou a cabeça na direção do marido e encolheu os ombros. As bolas de fogo flutuantes faziam brilhar o belo colar de esmeraldas que usava ao pescoço. O meu cérebro de ladra não se coíbiu de pensar numa forma de o roubar sem que ela desse por isso.

Antonio inclinou-se para depositar um beijo nos lábios da mulher e eu franzi o nariz. Que pensaria Julia se soubesse o que o seu marido andava a fazer com a minha prima Candela, quando caía a noite? Suponho que ficaria chocada, não porque estivesse apaixonada por ele, mas porque estava a ser traída com alguém inferior, uma simples operária da Fábrica de Tabaco. Era algo que nunca lhe perdoaria.

— Não tenhas medo — disse-lhe Antonio, olhando-a nos olhos. — Isto só nos beneficia, querida. Nunca te esqueças disso.

Contive a vontade de lhe lançar um punhal e continuei a observar a Praça. Mesmo à minha frente, do outro lado da arena, estavam os camarotes, os lugares reservados aos demónios. A maioria eram soldados, o famoso regimento de dragões de Lúcifer, todos com rostos aterrorizantes e perfeitos, olhos vermelhos como o sangue e a pele coberta de tatuagens. Não estávamos habituados a vê-los em Sevilha, mas Dancaire explicara-nos centenas de vezes que as veias negras dos seus corpos eram um símbolo de estatuto.

— Se só tiverem tatuagens nas mãos, são simples soldados rasos — dizia-nos —, e tudo o que conseguem fazer é transportar-se no meio da escuridão. Se as tiverem também no rosto, significa que são senhores do Inferno. E a sua posição hierárquica é proporcional ao seu poder.

— E o que significa ser um senhor do Inferno? — perguntava uma curiosa Carmen de dez anos. — É como ser um príncipe?

— Algo do género — explicava-nos ele. — Eles têm muitos nomes: senhores, príncipes, caídos, matadores... mas, no fundo, é tudo o mesmo. Foram os primeiros anjos a apoiar Lúcifer na sua insurreição contra a hierarquia do Céu. Quando as coisas correram mal e o Criador prendeu os insurgentes no Inferno, arrancando-lhes as asas e transformando-os em demónios, Lúcifer fez deles senhores da sua Corte. Quanto mais alta a posição, mais poder, mais tatuagens e, acima de tudo, mais crueldade.

Pestanejei, cerrei os punhos com força e olhei para cima, para o camarote real. Ali, atrás da elegante balaustrada branca, estava sentado Lúcifer, o rei do Inferno. Há dias que se ouviam rumores nas ruas, na Fábrica, na taberna, mas eu não tinha acreditado. Até àquele momento.

Nunca tinha visto o rosto de Lúcifer, pois o rei dos demónios passara da taifa de Granada, de onde nunca saía, para a taifa da Córdova onde se fechou durante uma década. Não me surpreendeu descobrir que ele parecia tão humano como os restantes demónios. Vestia um manto de penas pretas, tinha o cabelo revoltado e tão louro que quase parecia branco. O seu rosto fino e anguloso estava repleto de tatuagens, tantas que quase cobriam por completo a palidez da sua pele. Na cabeça usava uma brilhante e fina coroa preta que lembrava os longos e curvados chifres de um carneiro.

— Muito gosto em conhecê-lo, Majestade — sussurrei, como se ele me pudesse ouvir, embebendo as minhas palavras em fel.
— Há muito tempo que o esperava.

À sua volta estavam sentados cinco dos seis senhores do Inferno. Todos vestidos com fatos pretos e prateados, conversavam entre si, provavelmente sobre a diversão que seria a violência a que estavam prestes a assistir. De que mais poderiam falar aquelas criaturas feitas da mais pura perversão?

Como também nunca tinha visto os matadores, observei-os a todos com curiosidade. Os cinco possuíam uma beleza intimidante e sobre-humana, um poder inigualável. Ao contrário dos dragões, que apenas se podiam transportar de um local para outro, os senhores do Inferno também podiam infligir dor, alterar a realidade à sua vontade, possuir corpos. Os seus nomes eram repetidos vezes sem conta em canções populares e cânticos da Igreja. Tzadi, Nuun, Vav, Resh e Shin. Eu não sabia qual era qual, mas sabia que faltava um, o que tinha uma pala a cobrir-lhe o



olho direito: Yud, o Escamillo, o senhor do Inferno pelo qual eu tinha arriscado ir até ali.

— Onde estás? — perguntei para o ar, à procura dele.

De repente, a plateia ficou em silêncio e todos os meus sentidos entraram em alerta. A atmosfera mudou, envolvendo-se num manto de cruel expectativa, e eu percebi que o espetáculo estava prestes a começar. Dedos invisíveis apertaram-me o estômago e cerrei os dentes com muita força. A saída do matador para a arena estava iminente.

— Vamos lá, Yud — disse eu, com a emoção a percorrer-me o corpo como uma poderosa descarga elétrica.

No entanto, quem saiu de trás da barreira para a Praça não foi um demónio, mas um homem: Baltazar, o Apóstata, líder da Igreja dos Renegados. Vestia o manto vermelho dos sacerdotes, luxuoso como só uma peça comprada com o dízimo que nós, os menos afortunados, éramos obrigados a pagar. Ninguém sabia a sua idade. Tanto podia ter 40 anos como 600. Mas os seus olhos azuis deixavam claro que, no seu interior, havia algo muito mais antigo do que uma alma, algo que não era totalmente humano. E era aterrador.

— Taifa de Sevilha — exclamou com a sua voz grave e áspera, erguendo as mãos. Todos na plateia, tanto mortais como demónios, levantaram-se e baixaram a cabeça em sinal de submissão. Eu fui a única a manter a cabeça bem erguida. — Esta noite temos a honra de contar com a presença do próprio Lúcifer, Rei do Céu e do Inferno, Senhor das Trevas e protetor das nossas almas, aquele que não é traidor. *In nomine dei nostri satanas luciferi excelsi.*

— *In nomine dei nostri satanas luciferi excelsi* — repetiu a multidão.

Lúcifer baixou a cabeça em sinal de agradecimento, mas nem ele nem os seus matadores se levantaram das cadeiras. Cerrei os

punhos com tanta força que enterrei as unhas nas palmas das mãos. Odiava-os, odiava-os tanto que me apetecia gritar. Se pudesse matá-los a todos naquele preciso momento, não teria sequer hesitado.

Mas os demónios não podiam morrer.

— Esta noite — continuou Baltazar após a vénia ao rei —, as nossas almas assistirão a um espetáculo belo e enriquecedor, um castigo que personifica o verdadeiro espírito de justiça, a única compensação que a perfídia merece. Esta noite, o devoto Óliver López será sacrificado, em honra do nosso rei, como pena pela prática dos seus atos impuros. A espada será empunhada por um dos seis senhores do Inferno: Yud, o Escamillo. Glorioso seja.

Subitamente, o meu coração acelerou. Há dez anos que aguardava por aquele momento. Queria dar um rosto ao nome que tinha destruído a minha vida. Acordava todas as manhãs com a única esperança de o encontrar um dia. Há dez anos que me preparava para castigar Yud pelos seus pecados.

— Glória a Yud, o Escamillo! — gritou alguém da plateia.

— Glorioso seja! — responderam em coro.

Aquele entusiasmo deu-me a volta ao estômago. Era compreensível que os demónios torcessem por um dos seus senhores do Inferno, mas os humanos? Tinham de ser muito privilegiados para se sentirem mais próximos das tropas demoníacas do que dos seus semelhantes.

Baltazar deixou a arena para regressar ao seu lugar e, após alguns instantes de incerteza e um ou outro murmúrio, o Escamillo apareceu no meio da Praça. Surgiu do nada, num piscar de olhos, fazendo com que a plateia irrompesse em aplausos. Desta vez, até Lúcifer e os matadores se levantaram para celebrar a sua presença, o que fez cintilar o fogo das bolas flutuantes que iluminavam a Praça. Eu, pelo contrário, mantive-me muito quieta.

O Escamillo estava vestido com o traje típico dos matadores: seda cor de azeviche e elaborados bordados prateados, casaco

com dragonas e ombreiras na camisa, colete e gravata, calças com suspensórios, justas até à barriga das pernas e meias cor de sangue, tudo decorado com pequenas pedras de prata que brilhavam sob o fogo sobrenatural que iluminava a Praça. Ia vestido de brilho, mas era feito de sombras. E eu sabia-o melhor do que ninguém.

Tinha duas afiadas espadas de prata embainhadas à cintura e, sobre o cabelo escuro, penteado para trás, a montera. Embora do lugar onde estava não conseguisse distinguir bem as suas feições, a sua pele era branca, como que feita de madrepérola, e tinha tatuagens em forma de videiras a acariciar-lhe o pescoço. O olho direito estava tapado por uma pala que escondia em parte a beleza do seu rosto. Ninguém sabia porque a usava, mas eu desejava com todas as minhas forças que tivesse sido consequência de algum agonizante sofrimento.

Yud ergueu as mãos e a Praça mergulhou num silêncio sepulcral que fez soar todos os meus alarmes; o silêncio que antecede a morte. Apenas se ouvia o arrastar dos sapatos do matador na arena. Parei de respirar porque senti que todos os demónios na Praça conseguiam ouvir o ar a entrar e a sair dos meus pulmões. A plateia também conteve a respiração, mas por outra razão: o Escamillo retirara a montera, levava-a ao peito e inclinara-se perante o seu rei. Lúcifer, a imagem perfeita de um poderoso capitão de navio, parecia satisfeito com o gesto do seu marinheiro em fato de toureiro e fez um gesto com a cabeça. Ao fazê-lo, um relâmpago rasgou os céus e o trovão que se seguiu ensurdeceu o mundo.

— Que comece o espetáculo! — gritou Baltazar da sua cadeira.

Yud voltou a pousar a montera na cabeça e desembainhou as espadas. Começou a rodopiá-las com elegante destreza, descrevendo círculos como se as lâminas mais não fossem do que extensões de seus próprios braços. Cada vez que se movia,

as pedras preciosas do seu fato brilhavam com o reflexo do fogo das tochas. Se fosse possível matá-lo, teria sido muito fácil para mim fazer das suas costas um alvo e obrigá-lo a cair de joelhos, mas era inútil sequer pensar nisso.

Detrás de uma trincheira, dois demónios atiraram um rapaz vestido de branco, fazendo-o cair na areia com um ruído surdo. Tinha os olhos vendados, as mãos atadas atrás das costas, o rosto deformado das agressões, o cabelo cor de palha manchado de sangue.

— Óliver — sussurrei-lhe ao longe, como se tentasse transmitir-lhe força.

Óliver tinha sido um dos meus primeiros amigos em Sevilha. Vivíamos porta com porta e, graças à ajuda da sua família, aprendi a importância de forjar alianças com aqueles com quem partilhámos sofrimento. Juntos, passámos de dois miúdos assustados a dois adolescentes rebeldes. Assisti às suas tentativas de conquistar raparigas, e ele tinha-me visto vencer as minhas fraquezas de infância de kinjaras na mão.

— Carmenzinha, há muito poucos demónios em Sevilha — dizia-me ele, esboçando aquele sorriso com o qual decidira conquistar o mundo, quando desafiava as leis de Lúcifer.

— Poucos não quer dizer nenhum — respondia-lhe eu.

Nunca o advertia por medo, mas por bom senso. O Criador já não existia, Lúcifer tinha-o matado, juntamente com todos os seus anjos, e estávamos completamente sozinhos. Era uma loucura estar disposto a morrer por uma quimera, por uma antiga fé que nos tinha sido proibida, por um Céu que não podíamos recuperar.

— Levanta-te — ordenou-lhe Yud. A sua voz carregada de desprezo ecoou no silêncio da Praça.

Óliver ajoelhou-se e, mesmo sem conseguir ver, sabia onde estava. Suplicou:

— Por favor. — Vê-lo atordoado e assustado deixou-me irritada. Sabia que antes de ter sido atirado para a Praça teria sido torturado, e nada restava ali do rapaz que eu tinha conhecido. — Juro que me arrependo de tudo, juro que...

— Levanta-te! — interrompeu o Escamillo, já sem paciência.

Óliver levantou-se, a tremer, mas as pernas falharam-lhe e caiu novamente. A plateia vaiou, radiante com a sua humilhação, e eu mordi a língua com tal força que senti de imediato o sabor metálico do sangue. Tinha de fazer alguma coisa. Tinha de acabar com aquele espetáculo.

Desembainhei uma das minhas kinjaras e, como sempre, experienciei uma onda de energia a subir-me pelo braço. Quase podia sentir a lâmina dourada dos punhais a encher-me de força, a chamar-me para a batalha.

— Então, és um devoto — cuspiu Yud, encostando a ponta de uma das espadas contra o peito de Óliver. A sua voz soou como um trovão naquele silêncio sepulcral. — Como és capaz de chorar por um criador que não conseguiu salvar aqueles que dizia serem as suas mais amadas criaturas? Como podes ter fé em alguém que vos traiu e abandonou?

Óliver negou com a cabeça e eu quase conseguia sentir a sua venda encharcada em lágrimas. Não passava de um rapaz assustado, um miúdo que se imaginava muito mais corajoso do que era, e isso tinha-lhe saído caro. A sua irreverência acabou por se tornar a sua sentença de morte.

— Não — mentiu Óliver, aterrorizado. — Não é verdade. Eu...

— Os dragões ouviram-te blasfemar contra o nosso rei — interrompeu-o Yud, levantando a voz. Agarrei o punho do meu punhal com mais força. Não podia matar o Escamillo, mas podia acabar com o sofrimento do Óliver, e tinha de o fazer o quanto antes. — Por acaso não recitaste: «Desde o início que tem sido um assassino, e não defendeu a verdade, porque não há verdade nele»?

— Peço desculpa — implorou novamente Óliver. — Não sabia o que dizia.

— Claro que sabias. João 8:44. Achas que a antiga fé nos é desconhecida?

— Por favor — implorou o rapaz. — Não quero morrer.

Yud levantou a ponta da espada e encostou-a ao pescoço do rapaz, obrigando-o a levantar a cabeça.

— Não queres morrer — repetiu o Escamillo. Por um instante, por um milésimo de segundo, o tom de voz do matador pareceu-me compassivo, como se, em vez de repugnância, sentisse pena dele. Obviamente, era apenas uma ilusão. Os demónios não conhecem a misericórdia. — Bem, podemos jogar um jogo. Tudo o que tem de fazer é correr. Se conseguires esquivar-te aos meus ataques, deixo-te viver.

Alguém da plateia assobiou, entusiasmado, e eu cerrei os dentes. *Vá, Carmen. Mata-o. Força!*, pensei. *Não deixes que o humilhem desta maneira. Não o deixes sofrer. É o que ele quereria que fizesses.*

Assustado, Óliver levantou-se e começou a correr, fazendo voar a terra da arena debaixo dos seus pés. Do camarote, Lúcifer levantou a cabeça com curiosidade.

Com destreza, deixei-me cair até à beira do telhado, exatamente onde a luz das bolas de fogo se cruzava com a escuridão, e voltei a transformar-me em estátua. Se avançasse um só centímetro seria descoberta, mas todo o meu corpo me incitava a agir, a acabar com a vida de Óliver de uma forma rápida e limpa, para que Yud não pudesse desfrutar desse prazer. Conseguia ouvir a voz de Dancaire na minha cabeça a dizer-me para não fazer um disparate, mas ao longo dos anos tinha-me tornado perita em ignorá-lo.

O Escamillo desapareceu e, num piscar de olhos, reapareceu em frente a Óliver, que tinha atravessado a correr quase todo o

diâmetro da arena. A luz era rápida, mas os demónios provavam-nos sempre que as trevas eram ainda mais.

— É só isso que és capaz de fazer para salvars a tua vida? — perguntou o matador, erguendo a espada. A plateia voltou a vaiar. — Pensei que tinhas dito que *não* querias morrer.

Furiosa, ergui o braço, pronta para atirar a kinjara, quando, nesse preciso momento, Lúcifer desviou os olhos da arena e olhou para mim. Apesar da escuridão e da distância, tive a sensação de que os seus olhos vermelhos se cruzavam com os meus. Senti-me paralisada e o sangue começou a arder-me nas veias. Sem nada poder fazer para o impedir, nos meus braços começaram a surgir tatuagens douradas. A tinta percorreu-me lentamente a pele e cobriu-me de reflexos dourados os braços, o peito, o ventre.

— Não, merda. Não agora! — rosnei em voz baixa.

Voltei a embainhar as kinjaras e sacudi vigorosamente os braços, mas apenas consegui que na palma das minhas mãos nascessem duas pequenas e delicadas flores brancas. Ao vê-las desequilibrei-me e, se não fossem todos aqueles anos de sobrevivência a treinar o equilíbrio, teria caído em cima das bancadas.

O rei do Inferno continuava a olhar na minha direção, com ar desconfiado, e só parou quando a plateia começou a aplaudir. Ambos virámos a cabeça para olhar para a arena e esquecemo-nos da existência um do outro.

— Um! — gritou Baltazar.

Yud acabara de enfiar a lâmina prateada da sua espada nas costas de Óliver e a ponta da arma encharcada em sangue trespassara-lhe o peito. O meu amigo arquejou, e eu senti a mesma dor de alguém a quem tinham arrancado as entranhas, a mesma impotência de alguém que sabe que já nada pode fazer para salvar um ente querido. Óliver, condenado a um homicídio consentido e aplaudido, já não tinha salvação. Mais uma vez, Yud tinha escapado impune.

A plateia enlouquecia, pedia mais sangue, e eu, que só me apetecia gritar, que só me apetecia matá-los a todos, dei um pontapé nas telhas e recuei para a mais profunda escuridão. Tinha de sair dali antes que Lúcifer olhasse novamente na minha direção e, desta vez, me mostrasse de forma mais cruel e sangrenta que já me tinha visto.

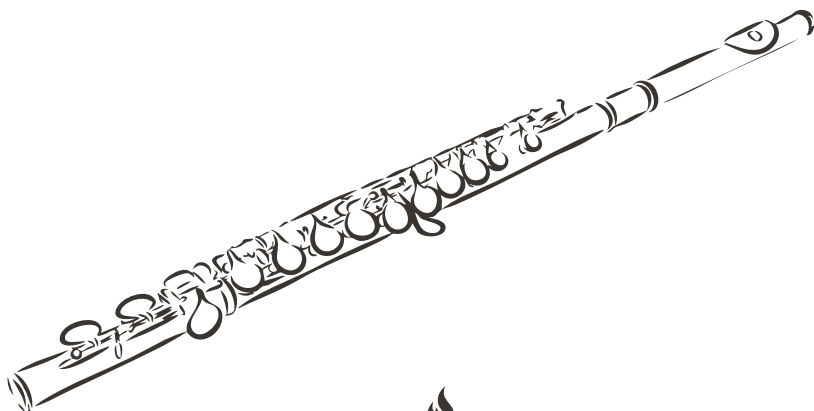
Esmaguei as flores que ainda tinha nas mãos e, sem a menor réstia de compaixão, fi-las desaparecer. Ambas se transformaram em pó e, com ele, as tatuagens douradas começaram a apagar-se da minha pele. As flores eram um símbolo dos anjos, uma prova de que tinha havido um tempo anterior à Queda do Céu. E por isso eram perigosas. Inúteis, mas perigosas.

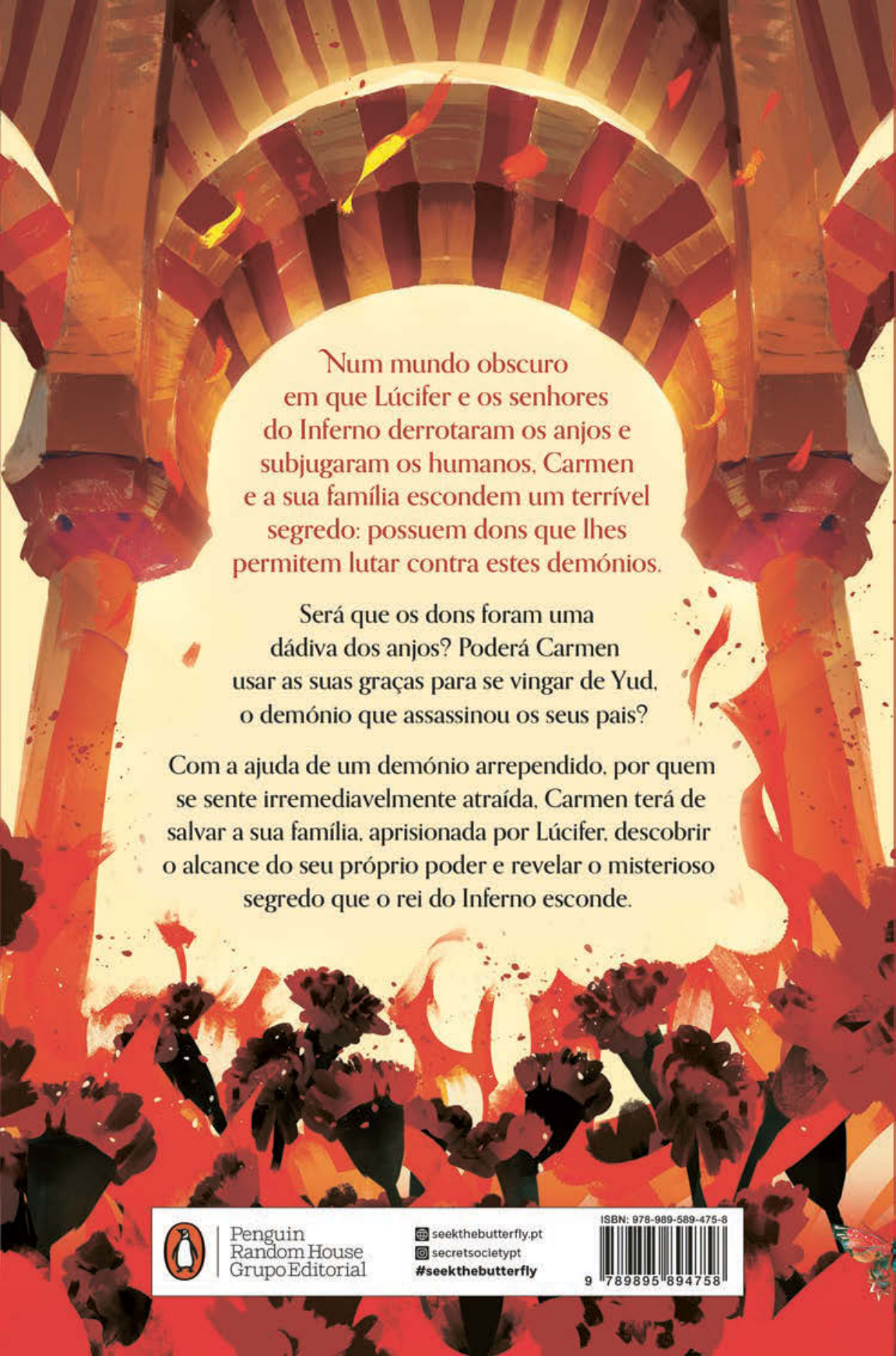
Virei-me e a Praça inteira voltou a vaiar. Óliver devia ter-se esquivado a um dos golpes do Escamillo.

— Vamos lá, miúdo — sussurrei para Óliver. — Só mais um e a morte virá salvar-te da vida.

Aproximei-me da calha por onde tinha subido até ao telhado e, antes de descer pela fachada da Praça, virei-me para olhar uma última vez para o Escamillo. Apesar da raiva que sentia, da revolta e da dor, estava contente por o ver ali. Passara metade da minha vida a prometer a mim própria que o iria procurar e, afinal, ele tinha vindo ter comigo.

Finalmente, ao fim de dez anos, ia conseguir concretizar a minha vingança.





Num mundo obscuro
em que Lúcifer e os senhores
do Inferno derrotaram os anjos e
subjugaram os humanos, Carmen
e a sua família escondem um terrível
segredo: possuem dons que lhes
permitem lutar contra estes demónios.

Será que os dons foram uma
dádiva dos anjos? Poderá Carmen
usar as suas graças para se vingar de Yud,
o demónio que assassinou os seus pais?

Com a ajuda de um demónio arrependido, por quem
se sente irremediavelmente atraída, Carmen terá de
salvar a sua família, aprisionada por Lúcifer, descobrir
o alcance do seu próprio poder e revelar o misterioso
segredo que o rei do Inferno esconde.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-475-8



9

789895 894758